

Curar para insuflar o espírito

A exposição *Inventários de Cura* da artista plástica Katia Canton explora um universo intimista de histórias infantis que depressa se expande e contamina o Laboratório de Química Analítica, onde as tintas e os medicamentos químicos hospitalares fazem parte do conceito da exposição e tomam conta da sala.

A exposição é composta por pinturas que são padrões de narrativa que não se limitam a uma função meramente ilustrativa dos contos infantis. Katia Canton só escolheu os momentos essenciais dessa narrativa para trazer o quotidiano fantástico para o mundo da arte, enaltecendo a especulação simbólica e comparativa dos contos de fadas e a realidade, onde a tensão transcendente é evidente e o desvanecimento retórico se adivinha.

Ao centro da sala encontra-se a peça o *Manto da Cura* que é o cerne da exposição e elo de ligação entre os vários trabalhos expostos. Nas gavetas do laboratório que outrora serviam para guardar produtos e utensílios de química, encontram-se pequenos objectos, brinquedos perdidos e achados. No canto uma fita rosa acumula desejos em várias línguas desde 2016 e que aguarda novos desejos.

Há nesta exposição uma forte consciência social e da consciência da própria materialidade do desenho antes da figuração. É a consciência do ponto de vista mais conceptual e espacial da linguagem. A artista tem uma concentração espaço-temporal total. “O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, um jogo equilibrado.” (Gaston Bachelard, in: *Poética do espaço*). A exposição desenha-se e abre-se ao espaço plástico, onde curar, cuidar é o âmago da problemática aqui representada.

Nos trabalhos da Katia Canton perspectiva-se um desenho com agilidade genuína, autónomo que se movimenta antes de encontrar a figura por acaso, no qual a artista enquanto alguém que transforma e exerce metamorfoses criativas constrói uma colecção de emoções. “Era um pouco de febre, sim. Se existisse pecado, ela pecara. Toda a sua vida fora um erro, ela era fútil. Onde estava a mulher da voz? Onde estavam as mulheres apenas fêmeas? E a continuação do que ela iniciara quando criança? Era um pouco de febre. Resultado daqueles dias em que vagava de um lado a outro, repudiando e amando mil vezes as mesmas coisas.” (Clarice Lispector, in *Perto do Coração Selvagem*). Podemos entender a estética de Katia Canton não muito longe do que Hal

Foster definiu como pós-modernismo de resistência: aquele que pensa politicamente as questões presentes na linguagem e na representação. O seu trabalho parte da tradição formal e linguística da arte naïf ainda que acabe conscientemente pervertendo os resultados e insuflar o espírito.

Sofia Marçal

Katia Canton é artista, escritora, professora da Universidade de S. Paulo e curadora de arte. É PhD em Artes Interdisciplinares pela Universidade de Nova Iorque. Tem realizado exposições, performances, residências e publicações de artista em vários países do mundo.